



## CONTEXTO DA PANDEMIA E SUBJETIVIDADE: NARRATIVAS DE DOCENTES

## CONTEXT OF THE PANDEMIC AND SUBJECTIVITY: NARRATIVES OF TEACHERS

Valeria Melo Ferraz<sup>1</sup>

Analía Eizabeth Leite Mendéz<sup>2</sup>

**Resumo:** A pandemia de COVID-19 impactou profundamente a educação e a subjetividade docente, exacerbando desigualdades preexistentes e desencadeando crises emocionais. Este estudo buscou analisar como a pandemia reconfigurou a subjetividade de professores, considerando suas experiências individuais, contexto sanitário e sociopolítico. Adotou-se uma abordagem qualitativa, baseada em narrativas de vida e formação, com docentes de uma instituição de ensino público do Brasil. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e analisadas mediante análise de conteúdo temática. Os resultados revelaram que a pandemia gerou medo, ansiedade e sobrecarga, mas também resiliência e reinvenção profissional. As trajetórias pessoais influenciaram as estratégias de enfrentamento, destacando-se a polarização entre adaptação tecnológica e o sofrimento psíquico. Conclui-se que a crise sanitária atuou como catalisadora de transformações subjetivas, exigindo políticas educacionais que considerem as dimensões emocionais e estruturais da docência.

**Palavras-chave:** Educação; Docência; Subjetividade; Narrativas; Pandemia.

**Abstract:** The COVID-19 pandemic has profoundly impacted education and teacher's subjectivity, exacerbating pre-existing inequalities and triggering emotional crises. This study sought to analyze how the pandemic has reconfigured teachers' subjectivity, considering their individual experiences and the health and sociopolitical context. A qualitative approach was adopted, based on life and training narratives, with teachers from a public educational institution in Brazil. Data were collected through semi-structured interviews and analyzed using thematic content analysis. The results revealed that the pandemic generated fear, anxiety, and overload, but also resilience and professional reinvention. Personal trajectories influenced coping strategies, notably the polarization between technological adaptation and psychological distress. We concluded that the health crisis acted as a catalyst for subjective transformations, requiring educational policies that consider the emotional and structural dimensions of teaching.

**Keywords:** Education; Teaching; Subjectivity; Narratives; Pandemic.

### 1 Introdução

A pandemia de COVID-19 representou um marco histórico que transcendeu a esfera sanitária, atingindo profundamente as estruturas educacionais e a subjetividade dos

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação e Comunicação Social pela Universidade de Málaga, Espanha. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, Campus Vitória da Conquista- Bahia, Brasil. E-mail: [valeria\\_melo\\_mf@hotmail.com](mailto:valeria_melo_mf@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora pela Universidade de Málaga, Professora Dra. do Departamento de Didática e Organização Escolar da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Málaga-UMA, Espanha. E-mail: [aleite@uma.es](mailto:aleite@uma.es)



profissionais da educação. Como demonstra Santos *et al.* (2021), a crise sanitária funcionou como um catalisador de desigualdades preexistentes no sistema educacional, expondo as fragilidades estruturais que há muito desafiavam a educação. Nesse contexto, os docentes se destacaram como atores centrais em um processo de transformação acelerada e não planejada, sendo obrigados a reinventar suas práticas pedagógicas em meio a um cenário de incertezas e medos.

Os estudos de Orłowski *et al.* (2022) apontaram que durante a pandemia, surgiram nas escolas redes de apoio com o objetivo de estabelecer e fortalecer vínculos humanos para dar suporte à categoria docente durante o ensino remoto. Contudo, Gallardo *et al.* (2023, 2024) revelam em suas pesquisas os impactos emocionais devastadores da pandemia sobre a categoria docente. A pesquisa desenvolvida por esses autores demonstra que a abrupta transição para o ensino remoto, somada à sobrecarga de trabalho e à necessidade de conciliar múltiplas demandas, levou à elevação dos índices de estresse, ansiedade e depressão entre professores. Esses dados também foram evidenciados pelos estudos de Ludovico *et al.* (2020) e Rondini *et al.* (2020), que analisaram como a adaptação emergencial ao ensino remoto desestabilizou a práxis docente, criando um ambiente de trabalho marcado pelo esgotamento físico e mental.

A pandemia acentuou as desigualdades educacionais, evidenciando disparidades na capacitação digital de professores e no acesso dos alunos às ferramentas tecnológicas. Embora o ensino remoto tenha sido uma estratégia para manter o processo de ensino-aprendizagem, a falta de planejamento a longo prazo aprofundou desafios como a evasão escolar e a fragilização da aprendizagem (Conceição, 2021). Diante das desigualdades socioeconômicas que intensificaram as disparidades educacionais, destaca-se o papel da escola pública na redução dessas desigualdades e na busca por alternativas mais inclusivas.

A análise das consequências da pandemia na educação brasileira aponta para um cenário ainda mais complexo. A crise sanitária aprofundou assimetrias educacionais já existentes, afetando de maneira desigual os diversos níveis de ensino, da Educação Básica ao Superior. Os desafios enfrentados pelos docentes não se limitaram às questões pedagógicas, mas envolveram também a precarização das condições de trabalho e o aumento das desigualdades no acesso à educação (Dias; Ramos, 2022; Dantas *et al.* 2024).

Contudo, a produção acadêmica sobre o tema tendeu a privilegiar uma abordagem técnica dos desafios impostos pela pandemia, negligenciando as dimensões subjetivas e



emocionais da experiência docente (Guzzo *et al.* 2022; Johnson *et al.* 2020). Essa lacuna no debate acadêmico é particularmente preocupante, pois a compreensão dos processos subjetivos vivenciados pelos professores durante a crise é fundamental para a elaboração de políticas educacionais mais efetivas no período pós-pandêmico.

O referencial teórico adotado combina o paradigma da complexidade de Morin (2011) com a abordagem narrativa desenvolvida por Clandinin e Connelly (2011), permitindo uma análise mais abrangente das experiências docentes durante a crise. As narrativas docentes não apenas documentam experiências individuais, mas também revelam processos coletivos de construção de sentido e ressignificação de traumas. Nesse sentido, esta análise se insere no campo dos estudos que busca responder à pergunta: Quais os efeitos subjetivos os docentes de uma escola pública vivenciaram a partir da experiência do ensino remoto durante a pandemia de COVID-19?

Este artigo, portanto, não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas de contribuir com o debate refletindo sobre questões que ainda persistem em nos desafiar, buscando para isso compreender mais profundamente como a crise sanitária do COVID-19 reconfigurou a subjetividade dos professores, não apenas como profissionais, mas como sujeitos inseridos em um tecido social fragilizado.

Partindo de narrativas docentes, propõe-se uma análise que ultrapasse a dimensão instrumental da educação, articulando contribuições da sociologia, da psicologia, histórico-cultural e da filosofia para compreender os sentidos atribuídos à experiência pandêmica. A abordagem se alinha ao paradigma da complexidade de Morin (2011), para quem o conhecimento deve religar as dimensões individuais e coletivas, reconhecendo que a subjetividade é produzida na intersecção entre história, cultura e contextos de crise.

## 2 Percorso Metodológico

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, fundamentado na pesquisa narrativa de vida e formação. Essa escolha metodológica justifica-se pela natureza do objeto de estudo, que busca compreender os processos subjetivos e as experiências vividas por docentes durante a pandemia da COVID-19, aspectos que demandam uma aproximação às nuances e complexidades das trajetórias individuais. Como destacam Clandinin e Connelly (2011), as narrativas permitem acessar não apenas os fatos objetivos, mas os significados atribuídos às experiências, tornando-se particularmente relevantes para investigar contextos de crise. Está adequada ao campo da educação, pois



permite a abertura de um mundo de possibilidades, de lembranças, de configurações diversas, bem como de limites e esquecimentos (Leite; Suárez, 2020).

Com o intuito de explorar mais profundamente a subjetividade, esta pesquisa se baseia na abordagem qualitativa da narrativa intensiva, proposta por Van Manen (1990). O autor argumenta que, para isso, é essencial criar um texto evocativo que consiga transportar o leitor para a experiência vivida pelas pessoas envolvidas. Assim, buscou-se compreender as nuances da vida cotidiana, intensificadas pelas emoções e sentimentos que permeiam as diversas dimensões da existência humana, ao analisar as experiências laborais em um período que compreendeu a fase de adaptação ao trabalho remoto e à fase subsequente, com o retorno às atividades presenciais. Nesse sentido, o estudo teve como propósito despertar o interesse por questões relacionadas a um conjunto de circunstâncias que perpassam por questões históricas, filosóficas e éticas, valendo-se de um texto evocativo, instigante e, por vezes, provocativo, com o objetivo de dar vivacidade aos pontos relacionados ao fenômeno em questão.

O campo de investigação é uma instituição pública de ensino técnico e superior, localizada no Nordeste brasileiro, selecionada por ter vivenciado os desafios da transição abrupta para o ensino remoto emergencial. Os participantes foram dois professores com atuação em áreas distintas, ciências humanas e exatas, escolhidos intencionalmente a partir dos seguintes critérios de inclusão: (a) o docente com maior experiência e o com menor tempo de docência na instituição; (b) atuação direta no ensino durante todo o período pandêmico (2020-2022); e (c) disponibilidade para engajar-se em um processo profundo de reflexão sobre sua experiência. A opção por um número reduzido de participantes (n=2) fundamenta-se na abordagem metodológica adotada, que prioriza a profundidade analítica em detrimento da amplitude numérica, seguindo os princípios da pesquisa qualitativa intensiva.

Os estudos focados em um pequeno número de casos permitem uma análise densa das singularidades, essencial para compreender fenômenos complexos como os impactos subjetivos da pandemia. Inicialmente, buscou-se uma abordagem com perguntas sobre os sentimentos despertados em cada momento específico, com o propósito de compreender quais os acontecimentos ainda reverberam na subjetividade, bem como sua correlação com a categoria docente.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, com 15 encontros remotos, sendo o primeiro ciclo em setembro de 2021, seguindo um protocolo adaptado às condições da pandemia. As entrevistas, conduzidas através da plataforma



Google Meet, escolhida por sua estabilidade e recursos de gravação, tiveram duração média de 60 minutos cada. O roteiro inicial abordava quatro eixos temáticos: (1) história de vida; (2) dimensões sociopolíticas; (3) dimensões tecnológicas; e (4) dimensões econômicas. No entanto, seguindo os pressupostos da pesquisa narrativa, privilegiou-se a emergência espontânea de temas a partir das experiências dos participantes, permitindo que as histórias se desenvolvessem de forma orgânica (Jovchelovitch; Bauer, 2008). Todas as entrevistas foram audiogravadas, transcritas na íntegra e submetidas à validação dos participantes.

Os docentes, identificados pelos pseudônimos “Orquídea” e “Jacarandá”, apresentam trajetórias profissionais marcadas por significativa experiência acadêmica. Orquídea conta com mais de 20 anos de atuação, enquanto Jacarandá acumula 6 anos de experiência na mesma Instituição. A escolha desses dois pseudônimos possui intencionalidade simbólica e afetiva. Orquídea, flor conhecida por sua beleza singular, resiliência e capacidade de adaptação a diferentes ambientes, que floresce em condições desfavoráveis; e Jacarandá, árvore nativa brasileira de madeira resistente, forte, ao mesmo tempo densa e maleável.

Para a análise do material empírico, adotou-se a análise de conteúdo na modalidade temática, conforme proposto por Bardin (2016), articulada com elementos da análise narrativa (Clandinin; Connelly, 2011). O processo analítico desenvolveu-se em três fases principais, pré-análise: realizou-se uma leitura flutuante exaustiva das transcrições, buscando uma imersão inicial e o reconhecimento de unidades de significados relevantes; exploração do material: operacionalizou-se a codificação através da identificação de unidades temáticas recorrentes, agrupadas em categorias emergentes; e a interpretação: os dados foram contextualizados à luz do referencial teórico. A análise evidenciou como as experiências individuais dialogavam com processos sociais mais amplos, revelando a interdependência entre as dimensões pessoais e estruturais na vivência da crise, sendo apresentados nos resultados a partir dos tópicos relacionais entre contextos e sentimentos.

Esta pesquisa faz parte dos estudos do doutorado em Educação e Comunicação Social, na Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Málaga, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, Campus Vitória da Conquista-Bahia, Brasil, CAAE: nº 50338021.2. 0000.5031, parecer substanciado nº 4.950.174/2021, seguindo as diretrizes da Resolução nº 466,



de 12 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012) e Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 (Brasil, 2016a) do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

### 3 Estado da questão: revisão sistemática

Com o objetivo de se aprofundar sobre o estado da questão, bem como descobrir qual foi o interesse despertado no meio acadêmico sobre o tema, realizou-se uma busca sistemática nas plataformas sobre os estudos científicos publicados durante o período pandêmico e pós-pandêmico, abrangendo os últimos cinco anos. Nesse sentido, foram realizadas quatro etapas principais: (I) definição de palavras-chave, critérios de inclusão/exclusão, (II) pesquisa e seleção de artigos com base em critérios de elegibilidade, (IV) extração dos dados. Utilizou-se a base de dados *Web of Science* para a pesquisa de trabalhos científicos, a partir da seguinte combinação de palavras-chave: (“subjatividade docente” OU “trabalho docente”) E (“COVID-19” OU pandemia) E (Educação OU “Narrativas formativas”). Foram selecionados documentos do tipo “artigos de pesquisa”, em português ou espanhol, o que resultou na recuperação de 30 artigos.

Após um processo de eliminação de registros duplicados, a amostra ficou composta por um total de 29 artigos. Para a seleção do portfólio final para análise, foi utilizado o protocolo *Preferred Reporting Items from Systematic Reviews and Meta Analyze Protocol* (PRISMA) (Moher *et al.* 2009). Importante ressaltar, que foram excluídos da análise os artigos que tratavam de forma isolada aspectos relacionados às inovações tecnológicas nas práticas docentes ou avaliações sobre o ensino à distância, cujo escopo não levava em consideração à influência da COVID-19 na saúde mental dos professores. Portanto, os trabalhos diretamente relacionados ao impacto na subjatividade dos professores durante o período pandêmico e pós-pandemia totalizaram uma amostra de 10 artigos para análise.

Os resultados mostram que a pandemia contribuiu para agravar o cotidiano dos professores que já se encontravam em situação de vulnerabilidade diante do trabalho remoto. O Quadro 1 apresenta os principais desafios enfrentados pelos professores durante o período analisado.

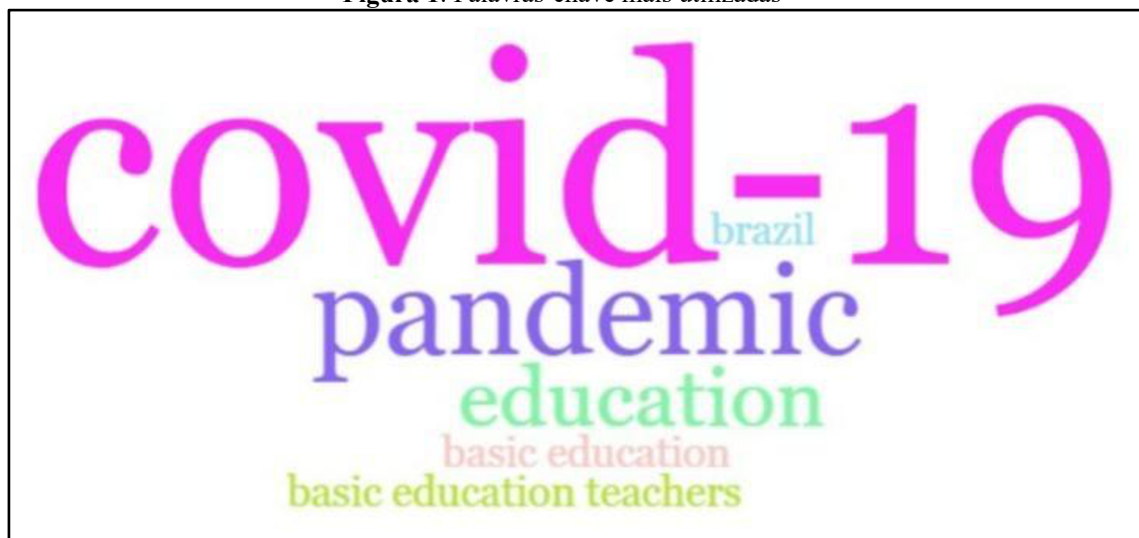
**Quadro 1:** Desafios observados na bibliografia

Âmbito	Observações	Autores
Formação técnica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adaptação e materiais trabalho remoto;</li> <li>• Pouco conhecimento sobre ferramentas digitais;</li> <li>• Qualidade do ensino</li> </ul>	Araújo <i>et al.</i> (2021); Jiménez e Elías (2022); Silva <i>et al.</i> (2023); Matias <i>et al.</i> (2023); Fialho <i>et al.</i> (2022)
Estrutura de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ausência de estrutura material;</li> <li>• Uso de recursos próprios;</li> <li>• Falta de espaço físico.</li> </ul>	Carneiro Júnior e Cardoso (2023); Matias <i>et al.</i> (2023); Fialho <i>et al.</i> (2022); Silvestre <i>et al.</i> (2023); Gonçalves e Souza. (2022).
Sicológico	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Insatisfação rendimento trabalho</li> <li>• Hiperconectividade</li> <li>• Sentimentos (angústia, tristeza, culpa, frustração, irritabilidade e cansaço;</li> <li>• Sobrecarga de trabalho.</li> </ul>	Carneiro Júnior e Cardoso (2023); Araújo <i>et al.</i> (2021); Bicalho <i>et al.</i> (2023); Troitinho <i>et al.</i> (2021); Silva e Santos (2023); Matias <i>et al.</i> (2023); Fialho <i>et al.</i> (2022); Silvestre <i>et al.</i> (2023).

Fonte: Elaborado pela autora

Vale ressaltar que, embora os trabalhos analisados tenham abordado fatores de diferentes áreas (emocionais, estrutura do trabalho, capacitação técnica), observa-se que as análises são pontuais e não abrangem o tema de forma complexa, muito menos interdependente. O conjunto final analisado compreendeu artigos publicados no período de 2021 a 2023, com as palavras-chave mais utilizadas apresentadas na Figura 1.

**Figura 1:** Palavras-chave mais utilizadas



Fonte: Elaborada pela autora

A palavra-chave “covid-19”, seguida de “pandemia” foram as duas mais recorrentes no conjunto analisado, enquanto “educação” foi a terceira mais utilizada.



Observa-se a ausência de termos relacionados à subjetividade docente, o que sugere, que este aspecto ainda é pouco explorado na bibliografia analisada.

De fato, após a revisão sistemática, é possível afirmar que não houve um compromisso especial com a escuta pedagógica, mas com dados, pois foram encontradas pesquisas bibliográficas e exploratórias, inclusive com entrevistas semiestruturadas, mas não compostas de narrativas livres, o que demonstra a fragilidade das pesquisas, uma vez que não podem mostrar a realidade em profundidade como faz uma escuta atenta e espontânea, tal como foi feito neste estudo.

#### **4 Análise das informações**

As narrativas de Orquídea e Jacarandá emergiram como expressões singulares que transcenderam o âmbito individual, tornando-se janelas analíticas para compreender como a subjetividade docente se constituiu no entrelaçamento entre histórias pessoais e o cenário sociopolítico, econômico e tecnológico exacerbado pela pandemia. Seus relatos não apenas descreveram experiências, mas performaram um processo ativo de reconstrução identitária, onde o contexto pandêmico funcionou simultaneamente como catalisador de crises e espaço de ressignificação existencial. Como postula González Rey (2020), essa dinâmica revela a natureza dialética da subjetividade, que se forma nas tensões entre estruturas macrossociais e processos psicológicos individuais.

##### **4.1 Histórias de vida: sentidos e contextos na pandemia**

Nascidos em cidades com características totalmente distintas, um em uma cidade mediana do interior e outro em uma capital marcada pela vida acelerada e pela violência urbana, os docentes narram experiências que descrevem fatos marcantes de suas trajetórias. Apesar das divergências e convergências em suas origens, ambos destacam valores que lhes deram sentido para enfrentar a pandemia, pois foram estimulados desde cedo a depositar esperança na educação como um meio de transformar suas realidades.

Orquídea nasceu em 1971, no interior do estado da Bahia, Brasil. Atualmente com 53 anos, possui 31 anos de experiência profissional. É licenciada em Matemática e mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Filha de um comerciante e uma professora, cresceu em um ambiente cercado por família e amigos, experiência que a fez compreender, desde cedo, que a família é um espaço de apoio e segurança. Autodefine-se como uma pessoa sensível e afetiva.



Jacarandá, por sua vez, nasceu em 1987, na capital do Rio de Janeiro, Brasil. Com seis anos de profissão, é licenciado em Química, além de possuir mestrado e doutorado na mesma área. Filho da segunda união de sua mãe, não recorda a presença do pai em casa, apenas de visitas esporádicas. Apesar de ser o caçula da família, nunca usufruiu de privilégios e relata que sempre houve cobranças por responsabilidades, especialmente em relação aos estudos, vistos como uma oportunidade de superar a vulnerabilidade social. Extremamente introvertido, não utiliza redes sociais e autodenomina-se "o esquisito, o diferente".

Cabe ressaltar que Orquídea e Jacarandá vivenciaram a pandemia na mesma cidade, sob condições sanitárias semelhantes, uma vez que compartilhavam o mesmo ambiente de trabalho e as mesmas regras de emergência sanitária estabelecidas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa, 2020), órgão responsável por tais diretrizes no Brasil. No entanto, o artigo reconstrói suas histórias, revelando aspectos individuais significativos de acordo com suas vivências, os quais compõem um pano de fundo que elucida tramas do tecido social construtivo da realidade coletiva durante a pandemia. Assim, conforme a abordagem teórico-metodológica adotada, apresenta-se, a seguir, a relação de interdependência entre contexto e sentimentos, conforme proposto neste estudo.

#### **4.2 Contexto e Sentimentos: o vírus, o primeiro dia *versus* medo do desconhecido e aflição**

O contexto pandêmico pode ser dividido em dois momentos distintos: os primeiros dias, marcados por incertezas devido ao desconhecimento sobre o vírus, e os períodos subsequentes, quando já se compreendia tratar-se de uma mutação do SARS-CoV-2. Ao questionar o professor Jacarandá sobre o que lhe vem à memória ao falar da pandemia de COVID-19, ele imediatamente descreve suas experiências comparando-as a cenas de um filme, como se vivenciasse algo improvável, restrito a narrativas ficcionais, algo chocante e surreal. A palavra "apocalipse", por ele utilizada, carrega um simbolismo que reflete o sentimento de medo diante da impotência perante o desconhecido e o catastrófico.

Delumeau (2009), em seus estudos sobre a história do medo no Ocidente, destaca que o medo pode ser entendido como uma das principais reações coletivas ao desconhecido, funcionando tanto como mecanismo de defesa contra ameaças reais quanto



imaginárias. Com o avanço das informações, o professor Jacarandá passou a dimensionar a gravidade da situação.

Como afirma Elias (1994), os indivíduos estão ligados por laços invisíveis, sejam familiares, profissionais, afetivos ou instintivos, os quais formam uma rede de interdependências que não podem ser rompidas abruptamente. Tais relações dinâmicas influenciam diretamente a construção do caráter pessoal. Assim, o medo vivenciado pelos docentes não apenas espelha o temor coletivo da sociedade frente à ameaça viral, literalmente, o medo da morte, mas também está profundamente entrelaçado com suas trajetórias individuais, crenças e valores.

A professora Orquídea relata não ter se preocupado excessivamente nos primeiros dias da pandemia, pois não conseguia imaginar a magnitude do que estava por vir — muito menos que se trataria de um evento tão prolongado. No entanto, com o passar do tempo, o medo foi gradualmente tomando conta de seu ser, experiência que ela compara a um pesadelo.

Com efeito, a vida com máscaras incorporou-se à rotina, assim como o sentimento de medo. Atividades cotidianas simples, como ir ao mercado, transformaram-se em verdadeiros tormentos. Era necessário evitar contatos sociais, chegando ao ponto de fugir de conhecidos para não precisar conversar. Além disso, ao retornar para casa, seguia-se um meticuloso ritual de higienização de todos os objetos que pudessem representar uma ameaça e trazer o vírus para dentro do lar.

Nos primeiros dias não veio tanta preocupação, tanto desespero porque a gente imaginava que era coisa do tipo, uma semana, quinze dias [...] quando o tempo foi passando, começou a me dar desespero de não ter liberdade de não ter contato social [...] de me isolar, de correr das pessoas [...] gosto de tocar, de abraçar, de sentir carinho e dar carinho (Orquídea).

A primeira coisa que me veio à mente. No início, bem no início [...] eu fui ao mercado e tinha uma fila bem grande porque não podia entrar todo mundo [...]. As pessoas estavam desesperadas com a possibilidade de faltar comida, de faltar água...parecia coisa de série [...] assim apocalíptica (Jacarandá)

Eu chegava logo cedo, e comprava correndo para não ter contato com as pessoas[...] Eu dizia: ai meu Deus!... isso me gerava aflição [...]. Foram experiências muito ruins (Orquídea).

Mas a gente tinha muito cuidado, a gente levava a pandemia bastante a sério. Saía de máscara, comprava coisa, higienizava antes de entrar em casa. Mesmo assim teve uma época que todo mundo provavelmente pegou a Covid em casa. Eu acho que foi lá para 2021, ou 2020, eu não lembro bem (Jacarandá).

Os relatos revelam uma transição psicológica coletiva durante a pandemia, marcada pela passagem da incredulidade inicial para a internalização do medo e das restrições sociais. Ambos convergem na ideia de que a adesão às medidas sanitárias, como



uso de máscaras e higienização, não foi apenas uma resposta racional à crise, mas também um mecanismo de controle sobre o imprevisível, revelando como o medo, inicialmente difuso, materializou-se em comportamentos concretos, vivenciado e internalizado no âmbito individual.

### **4.3 Contexto e Sentimentos: a onda *versus* incerteza, medo de perder alguém que ama**

A pandemia deixou um rastro de mortes no Brasil, cenário em que histórias trágicas se tornaram frequentes: crianças órfãs, famílias desestruturadas e sobreviventes marcados pelo trauma. Essas cenas, amplamente veiculadas pela mídia, representaram um dos aspectos mais devastadores da crise sanitária, a ruptura dos alicerces familiares e sociais. Essa realidade atingiu profundamente o professor Jacarandá, que vivenciou experiência particularmente traumática ao precisar comunicar à própria mãe seu diagnóstico de COVID-19 no auge da pandemia, período em que a doença frequentemente significava uma sentença de morte.

Morin (1988), ao investigar diversas áreas do conhecimento, busca compreender as transformações históricas nas concepções humanas sobre a morte. Essa abordagem multidisciplinar ajuda a entender como os professores, embora influenciados pelas tradições religiosas de suas famílias, que prometem vida eterna, manifestaram medos distintos diante da mortalidade.

A professora Orquídea vivenciou o luto pandêmico de maneira particular, pois cada óbito próximo representava não apenas um dado estatístico, mas a personificação concreta da morte, intensificando seu temor. Essa percepção era agravada por sua condição de saúde, uma doença autoimune diagnosticada na adolescência, que amplificava sua vulnerabilidade e o medo pela própria vida e pela de seus pais idosos.

Morin (1988) postula que a consciência da morte se forma na infância, sendo a natureza dessa experiência, traumática ou não, determinante para o desenvolvimento subsequente da relação do indivíduo com a finitude. No caso de Jacarandá, sua história pessoal em um território marcado pela violência estrutural, ambiente urbano hostil convivendo com a mortalidade, quando criança, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, parece tê-lo levado a desenvolver mecanismos de defesa emocionais particularmente eficazes, manifestados na racionalização sistemática de suas emoções e na aversão a pensamentos negativos (Pinheiro e Colombo, 2025). Uma condição que parece tê-lo



levado a desenvolver uma forma peculiar de resiliência, onde a racionalização funciona como estratégia protetiva.

A pandemia, contudo, introduziu uma nova dimensão ao confronto com a mortalidade. Como observa Melo Neto (2007), há uma distinção cultural fundamental entre "morte morrida" (natural, esperada) e "morte matada" (violenta, prematura). A COVID-19, ao impor um fim abrupto e medicalizado à vida, assumiu características de "morte matada" mesmo em contextos em que tal concepção não era culturalmente dominante. Em parte, foi o motivo do trauma coletivo gerado pois ninguém estava preparado para perder entes queridos por uma "morte matada" de causas virais.

Imaginei meus pais [...] eu fiquei com muito medo que alguém da minha família também pegasse. De que forma seria? Os hospitais cheios [...] meu Deus! Eu entrei em desespero [...] quando eu vi as reportagens, fulano faleceu. Quando via falecimento de pessoas próximas, colegas de trabalho [...] a sensação de que estava chegando cada vez mais perto [...] isso gerou um estado de terror grande (Orquídea).

A incerteza que a gente tinha em relação à família, se todo mundo ia ficar bem. O maior impacto que trouxe foi em relação aos meus pais, que têm uma idade avançada e estavam no grupo de risco [...] e aquelas cenas de hospitais lotados, gente morrendo (Jacarandá).

A convergência dos relatos evidencia como a pandemia desencadeou um medo existencial profundamente arraigado na ameaça à família, especialmente aos pais idosos, grupo de risco mais vulnerável. Ambos descrevem uma progressão do terror desde a apreensão inicial ao desespero concreto diante de mortes próximas, reforçando a percepção de que o perigo se aproximava inexoravelmente de seu círculo íntimo. Além desse aspecto, revela que o medo não era apenas da morte, mas da morte solitária e burocratizada em um contexto de colapso sanitário, que desafiava os rituais tradicionais de luto e impotência diante da impossibilidade de proteção familiar.

#### **4.4 Contexto e Sentimento: trabalho remoto *versus* insegurança e medo de falhar**

A transição para o ensino remoto representou um desafio que transcendia questões meramente técnicas e estruturais, atingindo profundamente a dimensão emocional dos educadores, conforme evidenciado no relato da professora Orquídea. Esse processo desencadeou níveis elevados de ansiedade, decorrentes das incertezas quanto à adequação do novo ambiente de trabalho. Sua residência, antes espaço privado de descanso, transformou-se subitamente em sala de aula, configurando uma invasão de seu espaço íntimo pelo profissional. As narrativas reforçam que a necessidade de um local físico



reservado é fundamental para alcançar a harmonia mental e física. Esta narrativa complementa os resultados das pesquisas de Silvestre *et al.* (2023) que, entre muitos outros aspectos, indicava que os professores já costumam levar trabalho para casa, o que reduz seu tempo livre e aumenta os casos de angústia e insatisfação.

Gallardo *et al.* (2024) destacam que as decisões pedagógicas durante a pandemia foram frequentemente tomadas de forma intuitiva, baseadas em experiência pessoal, vocação ou compromisso profissional, mas também influenciadas por emoções contraditórias como raiva, tristeza e frustração. No caso específico de Orquídea, o estresse atingiu níveis particularmente elevados nos primeiros momentos de adaptação ao ensino remoto. Sua narrativa emprega uma metáfora cinematográfica para descrever essa experiência: a "parte 1", período anterior às aulas virtuais, e a "parte 2", início das atividades online, marcada pelo medo constante de falhas técnicas, da incapacidade de atender às demandas e da responsabilidade inerente ao serviço público, que incluía a obrigação moral de corresponder à confiança depositada pelas famílias na educação de seus filhos.

Essa angústia docente corrobora com os estudos de Matias *et al.* (2023), que analisaram os níveis de estresse gerados pela adaptação tecnológica no ensino remoto na Universidade de São Paulo (USP), Brasil. Além disso, as pesquisas apontam que um dos fatores que contribuiriam ainda mais para essa condição de estresse foi a falta de fronteiras entre o trabalho remoto e o doméstico. Como observa Freitas (2007) em suas pesquisas sobre educação, mesmo em abordagens interpretativistas, a linha entre objetividade e subjetividade permanece tênue, com realidades e percepções frequentemente se confundindo em sentimentos contraditórios.

Morin (2005), através de sua perspectiva complexa, fundamenta esse processo dialético no tetragrama da complexidade, onde indivíduo, espécie e sociedade coexistem em constante movimento entre ordem, desordem, interação e organização. Essa abordagem ilumina a narrativa de Orquídea, que descreve como a pandemia exigiu extremos de sua resistência. Paradoxalmente, mesmo diante desses desafios, os docentes demonstraram notável resiliência, mergulhando em suas tarefas educacionais com dedicação.

A literatura especializada consagrou o termo "mal-estar docente" (Silva *et al.*, 2023) para designar os agravos à saúde específicos da profissão docente, quadro que se intensificou significativamente durante a pandemia. Contudo, a experiência do professor Jacarandá apresenta um contraponto relevante: sua prévia familiaridade com tecnologias



digitais atenuou significativamente o processo de adaptação ao ensino remoto, demonstrando como capital cultural e tecnológico preexistente pode funcionar como fator de proteção em contextos de crise educacional.

O medo no primeiro dia de aula de não dar conta [...] de dar pane na internet, de faltar energia ou de tocar interfone [...] tudo isso gerou sofrimento. Eu não sei qual o momento de maior ansiedade, de maior terror e de maior medo, mas eu acredito que ambos [...]. Hoje o meu maior cuidado é com isso [...] A pandemia foi responsável por essa experiência (Orquídea).

Em relação à parte virtual eu não tive muito impacto da tecnologia eu estava já um pouco interessado [...] tinha alguns canais de youtube que eu acompanhava, achava boa metodologia e material que eles utilizavam e entrei em contato com um rapaz para saber como ele utiliza mesa digitalizadora... já tinha comprado nem 2018. O início da pandemia foi marcado por muito material que eu fui desenvolvendo para poder gerar vídeo e colocar no *Youtube* (Jacarandá).

Os relatos apresentam a dicotomia experiencial docente durante a pandemia. Enquanto Orquídea vivenciou o ensino remoto marcado pela responsabilidade e o medo de não se adaptar às novas tecnologias, Jacarandá experimentou uma transição mais suave, amparada por familiaridade prévia com tecnologias digitais. Essa disparidade revela como o capital tecnológico acumulado funcionou como fator protetivo, atenuando os impactos do ensino remoto. Apesar das diferenças, ambos os casos confirmam que a pandemia reconfigurou permanentemente as relações com o trabalho docente, reforçando a premissa de que crises atuam como amplificadores de desigualdades pré-existentes, inclusive na competência digital.

#### **4.5 Contexto e Sentimentos: rotina docente na pandemia versus alívio e tormento**

A pandemia configurou-se como um período fértil para o surgimento de sentimentos contraditórios na relação com o trabalho docente. Essa ambivalência torna-se evidente quando se observa que, por um lado, o processo de adaptação gerou ansiedade e medo, conforme ilustrado nas narrativas anteriores, bem como nas pesquisas de Silva *et al.* (2023). Por outro, antagonicamente, também representar um refúgio contra a solidão é uma forma de manter contato social. O trabalho exaustivo, com preparação de aulas, correções de atividades, reuniões de planejamento e a constante atenção para garantir o funcionamento adequado das plataformas digitais, paradoxalmente atuava como mecanismo de defesa, ocupando o espaço mental que poderia ser dedicado a pensamentos mais sombrios.

As narrativas analisadas revelam como o ambiente virtual, neste contexto de dor social coletiva, transformou-se num espaço de distração e na única alternativa segura de



interação durante o isolamento. Essa percepção foi confirmada pelo relato do professor Jacarandá sobre sua experiência nas aulas virtuais. Ele descreve um estado de neutralidade emocional durante as aulas, onde sua atenção é totalmente absorvida pelas especificidades técnicas do trabalho remoto. No entanto, ao ser questionado sobre o paradeiro de seus problemas emocionais durante esse período, responde que eles simplesmente aguardavam "depois da aula". Essa descrição sugere que a sala de aula virtual funcionava como uma espécie de cápsula protetora, temporariamente impermeável a sentimentos perturbadores, proteção que se dissolvia imediatamente ao desligar as câmeras, quando os problemas reprimidos retomavam seu lugar.

Esta percepção de compartimentalização emocional entra em diálogo crítico com a perspectiva de Morin (2011), para quem não existe tal fragmentação no pensamento humano. Segundo o autor, há uma constante articulação e religação entre os mundos físico, mental e espiritual, numa relação dinâmica entre exterioridade e interioridade que constitui nossa condição existencial como seres vivos. A aparente separação entre o "eu profissional" durante as aulas e o "eu pessoal" após as sessões virtuais revelaria, portanto, não uma verdadeira divisão, mas antes uma estratégia psicológica temporária de enfrentamento.

O que me distraía, o que me tirava um pouco, o que me desligava dessas questões da TV, era realmente o trabalho [...] eu mergulhava. As reuniões da comissão aconteciam quase todos os dias [...] aí a gente aproveitava o final para uma resenha, a gente marcava um café ao final e cada um tomava seu café em sua casa [...] era uma fuga, justamente, para ter esse contato social [...] (Orquídea).

A partir do momento que a gente começou a dar aulas a ter que planejar e corrigir tudo no computador, a dar assistência nas redes sociais [...] o tempo começou a ficar cada vez mais escasso e o meu estresse em relação a pandemia, a questão do medo e da ansiedade começou a ser substituída pela ansiedade de dar conta do recado [...] ferramentas tecnológicas [...] eu tive da noite para o dia aprender e dar conta (Orquídea).

Acho que sou muito racional, deveria ser menos... Tenho dificuldade em expressar os meus sentimentos... Nunca comecei uma aula com este sentimento negativo de medo [...] (Jacarandá).

No momento em que eu estava trabalhando eu não pensava em nada... isso não era muito marcante não [...] como não era uma aula presencial, que você, às vezes, fica até meio disperso [...] Ali na aula, fico atento a tudo em sala, prestando atenção no aluno que vai fazer alguma apresentação, se está prestando atenção [...] porém os problemas continuam. (Jacarandá)

Os relatos revelam uma dicotomia funcional do trabalho remoto durante a pandemia. Para Orquídea, apesar de ter conseguido desenvolver estratégias criativas para adaptar-se ao modelo de ensino virtual, narra que em um certo momento, o trabalho



assumiu um duplo papel paradoxal, servindo tanto como mecanismo de escape das angústias quanto como fonte de nova ansiedade pela sobrecarga tecnopedagógica. Já Jacarandá demonstra uma racionalização protetiva, em que a imersão técnica nas aulas virtuais criava uma compartimentalização emocional temporária, embora os problemas subjacentes permanecessem latentes. Essa contraposição ilustra como o mesmo contexto de crise gerou estratégias de enfrentamento distintas. De acordo com Valverde et al. (2022), em suas pesquisas sobre a aprendizagem ocorrida devido às adaptações na pandemia da COVID-19, o trabalho docente foi estimulado em sua capacitação, competência e habilidades, desenvolvendo novas estratégias tecnológicas que acabaram por construir uma aprendizagem significativa.

#### **4.6 Contexto sociopolítico e Sentimento: a novela da política versus insegurança, instabilidade e opressão**

Para compreender o cenário político durante a pandemia, é fundamental recuperar os principais temas que dominaram os noticiários, as redes sociais e os grupos de mensagens. Essas discussões, marcadas por intensa rivalidade e disputa de interesses, fenômeno conhecido como polarização política, tradicionalmente se manifestam de forma mais evidente nos períodos eleitorais. Contudo, como demonstram os estudos de Ortellado (2022), no Brasil, a polarização assumiu, durante e após a pandemia, uma dimensão afetiva que transcendeu o mero partidarismo, penetrando profundamente nas relações sociais cotidianas.

As disputas acirradas relatadas pela professora Orquídea tornaram-se parte do dia a dia dos brasileiros, sendo amplamente veiculadas pelos telejornais e redes sociais como verdadeiros episódios de uma novela. Diariamente, novos capítulos dessa narrativa conflituosa emergiram, alimentados por uma máquina de desinformação que disseminava notícias falsas (*fake news*) através de *WhatsApp*, *Telegram*, *Twitter* e *Instagram*. Nesse contexto, aqueles que buscavam informações fundamentadas em fatos reais enfrentavam o desafio de navegar em meio a esse bombardeio desinformativo.

Esse cenário está na narrativa do professor Jacarandá, que menciona o Projeto de Lei nº 193/2016, conhecido como "Escola Sem Partido" (Brasil, 2016b). A proposta, que buscava estabelecer diretrizes para a educação nacional com o suposto objetivo de limitar a atuação docente e coibir o que denominava "assédio ideológico" nas escolas (Brasil, 2016b), representou um preocupante retrocesso, como se a sala de aula devesse ser



transformada em espaço de vigilância e controle, em vez de ambiente de livre pensamento e construção crítica do conhecimento.

Eu acredito que o contexto político no país exacerbou [...] tornou-se mais violento pós-pandemia pela atitude de transformar a pandemia numa brincadeira. Com atitudes antissociais e de influenciar seguidores [...] descreditou a vacina. Para alguns heróis, ele virou vilão. Esse racha no Brasil é porque o brasileiro quer um herói. Não adianta se o próprio cidadão não quer mudar de atitude. Dá uma novela (Orquídea).

Tenho até certa dificuldade com isso porque sou meio fechado e não costumo conversar muito. Eu comecei a ser professor em um período muito complicado, 2019, com os alunos gravando os professores com essas questões mais políticas. Aquela época de escola sem partido e uma série de coisas [...] então comecei minha atuação sempre me limitando a minha aula para evitar um problema dessa natureza (Jacarandá).

As redes sociais transformaram-se em palco de denunciamento durante a pandemia, quando alunos, sem qualquer reserva, viralizaram vídeos com o explícito propósito de expor docentes que manifestassem posicionamentos críticos ao governo vigente. Essa prática, descrita nos estudos de Cardão (2023) sobre a "crise do futuro", entendida como estado permanente de instabilidade que permeia todas as esferas sociais, evidencia a radicalização do ambiente educacional. Tal cenário suscita uma reflexão fundamental: qual seria, efetivamente, o papel do educador em um projeto pedagógico que abdicasse da formação sócio-crítica dos estudantes, negligenciando o desenvolvimento de sua consciência política e de seu papel no mundo?

#### **4.7 Contexto da saúde e Sentimentos: o pico da pandemia e protocolos médicos versus revolta e impotência**

Para compreender a dimensão do sentimento de revolta durante a pandemia da Covid-19 no Brasil, é fundamental considerar seu prolongado período de duração, aproximadamente dois anos, com seu fim declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) apenas em 22 de abril de 2022. O ápice da crise ocorreu em março de 2021, quando o país registrou 82.266 mortes, tornando-se também um dos epicentros da doença (Brasil, 2022). Paradoxalmente, em meio a essa tragédia humanitária, proliferavam cenas de negacionismo<sup>3</sup>: festas públicas e privadas, praias lotadas e aglomerações que contribuíram para o avanço descontrolado do vírus.

---

<sup>3</sup> O termo negacionismo foi utilizado para expressar notícias falsas com interesses ideológicos de outras lideranças políticas, instrumentalizando inseguranças e medos que fomentavam o enfraquecimento de instituições como a Ciência e a Educação, e organizam o caos que lhe serviu de sustentáculo. Ver Petraglia Kropf (2022).



Como destacam Rivas-Flores *et al.* (2020), as narrativas aqui analisadas, embora particulares, representam construções simbólicas que moldam a compreensão da realidade e influenciam a ação humana. No contexto da vacinação, tornou-se urgente o desenvolvimento de um pensamento crítico fundamentado no conhecimento científico e no diálogo racional, princípio defendido por Freire (2006) como essencial para a emancipação humana. Contudo, o que se observou foi um cenário de profunda divisão social e política.

O que me afetou diretamente [...] quando utilizaram a cloroquina como uma das possíveis medicações para a cura da covid, junto com ivermectina [...] depositar 100% da confiança na cloroquina, criou um impacto muito grande para mim [...] quando começou guerra atrás da cloroquina, cheguei na farmácia e não encontrei. [...] Eu faço uso há 31 anos e tinha ciência de todo o prejuízo dessa medicação [...] Pensei: eu vou morrer não de covid, mas de [...] aí, sim! O emocional poderia gerar transtornos para mim (Orquídea).

[...] os tratamentos duvidosos do ponto de vista científico [...] os que eram alternativos? Sim. Me lembro. Lembro que eram recomendados por alguns médicos, que eu nunca tive contato [...] era medicação para vermes [...] algo sem comprovação e com a dosagem que até causou prejuízos [...] esqueci do nome [...] ivermectina era um [...] e cloroquina. Mesmo que passassem, eu não tomaria porque eu estava acompanhando que não tinham comprovação nenhuma (Jacarandá).

As narrativas analisadas revelam memórias ainda vívidas e dolorosas desse período, particularmente no que concerne à divergência de protocolos médicos. A coexistência de tratamentos sem comprovação científica, como o uso da hidroxicloroquina, com terapias baseadas em evidências não apenas gerou com fusão, mas ceifou vidas, colocando em xeque os fundamentos éticos da prática médica. Este cenário levanta questões profundas sobre a condição humana em tempos de crise: como explicar que profissionais de saúde, supostamente guiados pelo rigor científico, tenham adotado práticas tão diametralmente opostas? A análise revela uma clara divisão em que parcela da população basearam-se em conhecimento científico, enquanto outra parcela estava ávida por soluções imediatas, aderindo qualquer tratamento que promettesse alívio. Paralelamente, somado a esse conflito, era preciso conviver com as cenas traumáticas de hospitais superlotados e enterros coletivos, geraram um sentimento generalizado de impotência.

A minha sensação pior foi naquele em você tinha todos os leitos ocupados e não tinha perspectiva de surgir leito... Minha família mora toda no Rio de Janeiro, e no Rio estava bem preocupante [...] (Jacarandá).

Foi no meio do ano de 2020[...] quem pegava ficava muito preocupado porque até faltou respirador tinha medo de faltar ar, era uma fase bem assustadora [...] uma fase bem assustadora [...]fáltou material e as pessoas estavam sendo



colocadas em respiradores sem sedação. Era muito ruim e dava muito medo (Jacarandá).

Os relatos mostram a convergência entre a crise sanitária e a desorientação científica durante a pandemia. A angústia diante da saturação do sistema de saúde revela o trauma coletivo de um colapso anunciado, especialmente em estados como o Rio de Janeiro, onde a situação se mostrou mais crítica. Como observa Kaplan (2021), a capacidade de ser afetado por tal cenário é justamente o que nos define como humanos.

#### **4.8 Contexto e Sentimentos: chegada da vacina no Brasil *versus* a esperança e o medo**

A chegada das primeiras vacinas contra a COVID-19 ao Brasil em 17 de janeiro de 2021, transformou-se em evento midiático de grande repercussão, pois a imunização assumiu contornos ideológicos. Essa polarização, que opunha discursos "pró" e "contra" vacinação, transcendeu o debate técnico-científico, configurando-se, na prática, como uma discussão sobre o valor da vida humana, com consequências mensuráveis em milhares de óbitos evitáveis.

Ao investigar as percepções docentes sobre esse período, constata-se que a expectativa vacinal se mesclava ao contexto político turbulento. Os relatos dos educadores revelam um paradoxo emocional de alegria pelo início da imunização, que reacendia esperanças após um ano de exaustão pandêmica; e a frustração pelo atraso comparativo a diversos países que já haviam vacinado parcelas significativas de suas populações enquanto o Brasil ainda discutia a eficácia dos imunizantes.

É fundamental contextualizar que o Brasil possui um dos mais robustos programas de imunização do mundo, coordenado pelo Ministério da Saúde há mais de quarenta anos. Conforme dados do Ministério da Saúde, o Programa Nacional de Imunizações (PNI) foi responsável pela erradicação de diversas doenças e representa uma das políticas públicas de saúde mais consolidadas do país (Brasil, 2022).

O contraste entre a expertise histórica do PNI e as hesitações à vacinação durante a campanha contra a COVID-19 revela como fatores políticos e ideológicos podem comprometer mesmo as estruturas sanitárias mais consolidadas. Essa contradição marcou profundamente a experiência dos docentes. Para o professor Jacarandá, a demora de um ano e meio para o surgimento da vacina transformou-se em memória afetiva carregada de desilusão. Seu relato, entrecortado por suspiros, associa o alívio tardio da vacinação às cenas traumáticas de hospitais superlotados no Rio de Janeiro, onde seus pais



enfrentavam o risco em meio a um paradoxal cenário de festas e praias lotadas, amplamente divulgado pela mídia.

A professora Orquídea vivenciou esse período entre o alívio inicial pela chegada da vacina e o desespero ao perceber que, mesmo com sua condição de autoimune, não seria priorizada. Sua narrativa oscila entre a esperança de poder finalmente sair de casa e a angústia diante das intermináveis filas hospitalares e das mortes evitáveis. Esse dilema existencial foi intensificado pelo bombardeio de *fake news* que transformou a vacinação, criando, nas palavras da docente, em "uma novela com heróis e vilões" que alimentava medo e divisão social. O sentimento de Jacarandá, "não precisava ser desse jeito", ecoa o luto coletivo por uma tragédia que foi tanto sanitária quanto política, cujas marcas ainda reverberam na subjetividade brasileira.

Mas quando começaram as descobertas das vacinas, que as pessoas começaram a se vacinar, a esperança brotou do fundo do coração do fundo da alma. Aí começou o desespero [...] o desespero parte dois da versão da COVID: conseguir a vacina. Que dia que vai chegar para mim? Que dia vou me vacinar? Que dia eu vou sair um pouco mais tranquila de casa? (Orquídea).

Esse racha no Brasil é porque o brasileiro quer um herói. Não adianta. Se o próprio cidadão não quiser mudar [...] dava uma novela (Orquídea).

A sensação que tenho é de que não precisava ser daquela forma. Desespero de ver como a pandemia estava sendo conduzida, muito ruim, bem desastrosa. (Jacarandá).

Como alerta Freire (2006), a verdadeira comunicação democrática requer pensamento crítico e diálogo fundamentado no conhecimento, exatamente o oposto do que se viu nesse período marcado por discursos vazios e "obscuridade dos achismos". A linguagem das redes sociais, longe de ser neutra, tornou-se veículo de projetos de poder que negavam a ciência e promoviam o partidarismo sobre a vida.

## 5 Considerações finais

A pandemia de COVID-19 representou um marco histórico que redefiniu não apenas as dinâmicas sociais, mas também as estruturas mais íntimas da subjetividade humana. No caso dos docentes, esse período expôs e intensificou contradições já existentes, transformando a prática educativa em um campo de tensões entre o individual e o coletivo; o medo e a resistência; a desestabilização e a reinvenção. As narrativas analisadas demonstram que a experiência pandêmica não pode ser reduzida a um fenômeno uniforme; pelo contrário, ela foi vivida de maneira singular, conforme as trajetórias de vida, os recursos emocionais e os contextos sociais de cada educador.



Um dos aspectos mais relevantes desse processo foi a dialética entre o macro e o micros social. A pandemia atuou como um espelho amplificador das desigualdades estruturais do Brasil, evidenciando a fragilidade das políticas públicas e a polarização política que permeou até mesmo as discussões sobre saúde e educação. No entanto, as respostas individuais a esse cenário foram profundamente marcadas por histórias pessoais. Enquanto Orquídea, com sua formação afetiva em um ambiente familiar acolhedor, encontrou na solidariedade e no trabalho uma âncora emocional, Jacarandá, criado em um contexto de vulnerabilidade e cobrança, recorreu à racionalização como mecanismo de defesa. Essas estratégias distintas revelam que a subjetividade não é um reflexo passivo das estruturas sociais, mas um processo ativo de reconstrução identitária em meio a crises.

Outro eixo fundamental foi o medo como fenômeno multidimensional. Se, por um lado, ele surgiu como uma reação coletiva ao desconhecido, por outro, foi vivido de maneira singular. Para Orquídea, o temor esteve vinculado à vulnerabilidade de sua condição de saúde e ao luto pelas perdas próximas; para Jacarandá, associou-se à incerteza sobre o futuro e à pressão por desempenho em um cenário de instabilidade. Essas diferenças mostram que o medo, embora universal em situações de crise, é filtrado pelas experiências prévias e pelos significados que cada indivíduo atribui à morte, ao risco e à proteção.

Por fim, a pandemia também evidenciou a ambivalência do trabalho docente como espaço de sofrimento e resistência. A abrupta transição para o ensino remoto gerou sobrecarga, ansiedade e um sentimento de despreparo, especialmente para aqueles com pouco conhecimento e menos familiaridade tecnológica, revelaram os estudos de Jiménez e Elías (2022). No entanto, paradoxalmente, o trabalho tornou-se um refúgio, uma forma de manter o contato social e um propósito em meio ao caos. Essa dualidade reforça a ideia de que a docência não se limita a uma função técnica, mas é atravessada por dimensões afetivas e existenciais que foram intensificadas durante a crise.

O estudo revela que a pandemia não apenas abalou a prática docente, mas a reconfigurou, colocando em evidência a complexidade da subjetividade humana. As narrativas ilustram como crises coletivas são vividas de maneira singular, mediadas por histórias de vida, valores e contextos sociais. Compreender essas nuances é essencial para pensar políticas educacionais que considerem não apenas as dimensões técnicas do ensino, mas dar atenção àquelas e àqueles que o sustentam. Afinal, como demonstrado aqui, a resiliência docente em tempos de adversidade não se mede apenas pela adaptação



às novas ferramentas, mas pela capacidade de ressignificar a própria existência em meio às adversidades. Em síntese, as marcas deixadas por essa experiência, na subjetividade e no tecido social, continuam a demandar elaboração crítica e cuidados, pois os efeitos da pandemia persistem muito além de seu término oficial.

## 6 Limitações do estudo

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com número restrito de participantes, o que impossibilita a generalização dos achados para a totalidade da categoria docente. A escolha metodológica, embora adequada aos objetivos do estudo, baseou-se em narrativas individuais, sujeitas às experiências e percepções subjetivas da e do entrevistado, o que pode ter influenciado o recorte e a profundidade de determinados aspectos abordados. Ademais, o contexto pandêmico, ainda presente na memória coletiva, pode ter influenciado o tom emocional das entrevistas, intensificando ou, por outro lado, inibindo determinados relatos. Nesse sentido, observou-se que a limitação temporal pode ter restringido em parte alguns aspectos, pois a coleta ocorreu após o momento mais crítico da pandemia, sendo possível que alguns sentimentos já tenham sido ressignificados ou esquecidos.

Reconhecemos que, por se tratar de um recorte específico do fenômeno, o impacto subjetivo da pandemia sobre docentes, requer outras dimensões igualmente relevantes como a perspectiva de gênero, dos estudantes, das famílias ou das gestões institucionais, não foram contempladas, sendo indicadas para investigações futuras.

## Referências

ANVISA. **Acesse o informe de ações da Anvisa para enfrentamento à pandemia**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/campanhas/coronavirus/regulamentos-e-medidas>. Acesso em: 18 dez. 2024

ARAÚJO, A. R. L.; SOUSA, L. M. C.; CARVALHO, R. B. S.; OLIVEIRA, A. D. S.; AMORIM, F. C. M.; SOUSA, K. H. J. F.; ZEITOUNE, R. C. G.; DAMASCENO, C. K. C. S. O trabalho remoto de enfermeiros docentes em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 74, suppl. 1, p. e20210198, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0198>.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BICALHO, A. C. S.; SANTOS, A. J. C.; SILVA, G. O. M.; COSTA, L. S.; OLIVEIRA, N. G.; NASCIMENTO, T. S.; SILVA, R. R. V.; BRITO, M. F. S. F.; PINHO, L. Violência doméstica em professores da rede pública estadual durante a pandemia da COVID-19. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Rio de Janeiro, v.72, p.38-44, jan./mar. 2023.



BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, 2012.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Brasília, 2016a.

BRASIL. Ministério da Saúde. **PNI**: Entenda como funciona um dos maiores programas de vacinação do mundo. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/maio/apos-dois-anos-chega-ao-fim-estado-de-emergencia-em-saude-publica-por-conta-da-covid-19-no-brasil>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Projeto de Lei nº 193, de 2016**. Escola sem partido. Brasília, 2016b.

CARDÃO, M. Sob o espectro da crise. A história na era planetária. **Análise Social**, Lisboa, v. 58, n. 246, p. 1–25, mar. 2023. Disponível em: [https://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0003-25732023000100010](https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732023000100010). Acesso em: 18 jan. 2025.

CARNEIRO JUNIOR, J. A.; CARDOSO, M. L. M. “Sinto que estou sempre a falhar”: o dano existencial decorrente da hiperconexão do teletrabalhador docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 49, p. e267098, jul. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349267098>

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa Educação de Professores ILEEL/UFU. 2ª Edição. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CONCEIÇÃO, V. L. da. Educação e pandemia: Reflexos de um abismo da desigualdade no Brasil. **Revista Humanidade & Inovação**, Tocantins, v. 8, n. 63, p. 26-37, out. 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4024>. Acesso em: 18 jan. 2025.

DANTAS, O. M. A. da N. A.; ALMEIDA, P. D. de; CABRAL, E. R. de O. Impactos de la pandemia de COVID-19 en la educación: De la Educación Básica a la Educación Superior en el Distrito Federal - Brasil. **Revista Iberoamericana de Estudios en Educación**, v. 19, n. 00, e024002, 2024. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.18084>

DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIAS, É.; RAMOS, M. N. A Educação e os impactos da Covid-19 nas aprendizagens escolares. **Ensaio: Avaliação E Políticas Públicas Em Educação**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 117, p. 859–870, out-dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362022004000001>. Acesso em: 13 jul. 2025.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FIALHO, L. M. F.; NEVES, V. N. S. Professores em meio ao ensino remoto emergencial: repercussões do isolamento social na educação formal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 48, p. e260256, nov. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248260256por>. Acesso em: 13 jul. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.



FREITAS, M. T. de A. A pesquisa em educação: questões e desafios. **Vertentes**, São João del-Rei, v. 1, p. 28–37, jan./jun. 2007.

GALLARDO, J. A.; LAGOS SAN MARTÍN, N. AGUILAR PULIDO, G.; POBLETE, O. G. Necesidades emocionales del profesorado en un contexto pandémico. **Revista Complutense de Educación**, Madri, v. 34, n. 4, p. 809-820, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5209/rced.80137>

GALLARDO JAQUE, A., LAGOS SAN MARTÍN, N., AGUILAR PULIDO, G., & POBLETE CHRISTIE, O. (2023). Necesidades emocionales del profesorado en un contexto pandémico. **Revista Complutense de Educación**, [S.I.], v. 34, n. 4, p. 809-820, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5209/rced.80137>

GUZZO, R. S. L.; SOUZA, V. L. T. de; FERREIRA, Á. L. M. C. de M. A pandemia na vida cotidiana: reflexões sobre os impactos sociais e psicológicos à luz da perspectiva crítica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 39, p. e210100, out. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e210100>

GONZÁLEZ REY, F. O social como produção subjetiva: Superando a dicotomia indivíduo-sociedade numa perspectiva cultural histórica da subjetividade. In: SANTANA, F. M.; SAMPAIO, L. R.; ALMEIDA, P. L. (orgs.). **Diálogos sobre o social e a psicologia**. Rio de Janeiro: Grupo Multifoco, 2020. p. 41–70.

GONÇALVES, R.; SOUZA, E. Â. D. (2022). Somos todes youtubers? Indústria 4.0 e precarização do trabalho docente em tempos de pandemia. **Serviço Social & Sociedade**, (144), 33-51.

JIMÉNEZ, H. G.; ELIAS, B. C. Impactos socioemocionales, estrategias y retos docentes en el nivel medio superior durante el confinamiento por COVID-19. **RIDE. Rev. Iberoam. Investig. Desarro**, Guadalajara, v.12, n.24, jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.23913/ride.v12i24.1133>. Acesso em: 13 jul. 2025.

JOHNSON, M. C.; SALETTI-CUESTA, L.; TUMAS, N. Emoción, preocupación y reflexiones frente a la pandemia del COVID en Argentina. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 44, n. spe4, p. 103-114, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E410>

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 90–113.

KAPLAN, C. V. **Sentimientos en el escenario educativo**. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2021.

LEITE, A.; SUAREZ, D. Narrativas, docencia universitaria e investigación educativa. **Márgenes**, Málaga, v. 1, n. 3, p. 2-5, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7631554>. Acesso em: 10 dez. 2024.

LUDOVICO, F. M.; MOLON, J.; BARCELLOS, P. D. S. C. C.; FRANCO, S. R. K. COVID-19: desafios dos docentes na linha de frente da educação. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 10, n. 1, p. 58–74, 2020. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p58-74>.

MATIAS, A. B.; FALCÃO, M. T. C.; GROSSEMAN, S.; GERMANI, A. C. C. G.; SILVA, A. T. C. A pandemia da COVID-19 e o trabalho docente: Percepções de professores de uma universidade pública no estado de São Paulo, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de



Janeiro, v. 28, n. 2, p. 537–546, fev. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023282.11972022>

MELO NETO, J. C. **Morte e vida severina**. São Paulo: Objetiva, 2007.

MOHER, D.; LIBERATI, A.; TETZLAFF, J.; ALTMAN, D. G.; PRISMA GROUP. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLOS Medicine*, v. 6, n. 7, p. e1000097, jul. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>

MORIN, E. **O homem e a morte**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.

MORIN, E. **A religação dos saberes: O desafio do século XXI**. 2. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2011.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, E. **La cabeza bien hecha: repensar la reforma, reformar el pensamiento**. 21. ed. Río de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ORLOWSKI, N.; MOCROSKY, L. F.; VIGGIANI BICUDO, M. A. (2022). Professoras em tempos de pandemia: do que estamos nos dando conta? **Revista Pesquisa Qualitativa**, Bauru, v. 10, n. 23, p. 01–24. DOI: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2022.v.10.n.23.478>

ORTELLADO, P.; RIBEIRO, M. M.; ZEINE, L. Existe polarização política no Brasil? Análise das evidências em duas séries de pesquisas de opinião. **Opinião Pública**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 62-91, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0191202228162>. Acesso em: 18 dez. 2024.

PETRAGLIA KROPF, S. Negacionismo científico. In: SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (orgs.). **Dicionário dos negacionismos no Brasil**. Recife: Cepe Editora, 2022. p. 201–204.

PINHEIRO, L. R.; COLOMBO, E. The rumors of action: Young people and reflexive dynamics in urban peripheries in southern Brazil. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 13, n. 33, p. 1–28, jan./abr. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.33.752>

RIVAS-FLORES, J. I.; MÁRQUEZ GARCÍA, M. J.; LEITE, A. E.; CORTÉS GONZÁLEZ, P. Narrativa y educación con perspectiva decolonial. **Márgenes, Revista de Educación de la Universidad de Málaga**, Málaga, v. 1, n. 3, p. 46-62, set. 2020. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7631541>. Acesso em: 15 dez. 2024.

RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M.; DUARTE, C. dos S. Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 10, n. 1, p. 41–57, jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57>

SANTOS, J. D. A. dos; SANTOS, M. E. A. dos; MEZZARROBA, C. Um olhar pedagógico sobre a pandemia e seus efeitos à educação. **Filosofia e Educação**, Campinas, v. 12, n. 3, p.1497-1527, fev. 2021. DOI: <https://doi.org/10.20396/rfe.v12i3.8661568>

SILVA, O. O. N.; MIRANDA, T. G.; BORDAS, M. A. G. A importância do AEE para os professores do Piemonte da Diamantina-Bahia. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 14, n. 40, p. 8–23, dez. 2023.

SILVA, C. L.; SANTOS, D. M. B. Desenvolvimento profissional docente e educação profissional básica na pandemia de COVID-19. **EDUR Educação em Revista**, Belo Horizonte,



v. 39, p. e38326. 2023. Disponível em:

<https://scielo.br/j/edur/a/5TZfdtTSrwn9H83tjhyBqnw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2024.

SILVESTRE, B. M.; FIGUEIREDO FILHO, C. B. G.; SILVA, D. S. Trabalho docente e ensino remoto emergencial: extensão da jornada de trabalho e expropriação do tempo livre. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 28, p. e280054, 2023.

TROITINHO, M. D. C. R.; SILVA, I. B. D.; SOUSA, M. M.; SANTOS, A. D. D. S.; MAXIMINO, C. Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, p. e00331162, out. 2021. Disponível em: [scielo.br/j/tes/a/W93PH7nPTTMtYpDDC3bZXTR/?format=pdf&lang=pt](https://scielo.br/j/tes/a/W93PH7nPTTMtYpDDC3bZXTR/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 13 jul. 2025.

VALVERDE SANDOVAL, O. G.; HURTADO ALENDES, A. M., CARPIO MENDOZA, J., SÁNCHEZ CABANILLAS, P. E., MUCHA BONIFACIO, H. C.; VEGA VILCA, C. S. Aprendizaje significativo en el contexto de la pandemia. Una revisión sistemática. **Horizontes. Revista de Investigación en Ciencias de la Educación**, Cochabamba, v. 6, n. 23, p. 458–465, jun. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33996/revistahorizontes.v6i23.348>. Acesso em: 20 dez. 2024.

VAN MANEN, M. **Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy**. New York (NY): SUNY Press; 1990.

**Recebido em:** 19 de setembro de 2025.

**Aceito em:** 10 de dezembro de 2025.